O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

REDACÇÃO—J. E. d'Almeida Vilhena, Dr. J. M. Barbosa de Magalhães, Marques Gomes, Francisco de Magalhães e Firmino de Vilhena

ANNO XXXVII

Assignaturas: SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado.

PUBLICA-SE ÁS QUARTAS E SABBADOS

SABBADO 3 DE NOVEMBRO DE 1888

Publicações: Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal. Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 15 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial.

NUMERO 3:740

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO:—A QUESTÃO ALIMENTAR.—A QUESTÃO DE AVEIRO.—A AVIDEZ DO ESCANDALO.—MARTINS DE CARVALHO.—O CAMINHO DE FERRO DO VALLE DO VOUGA.—MEDIDA IMPORTANTE.—INSTITUTO DE AGRONOMIA E VETERINARIA.—NOTICIARIO.—Os HERDEIROS DO CONDE DE SANTA EULALIA, *por Alexandre de Seabra.*—SECÇÃO LITTERARIA: O PRIMEIRO BEIJO, *por Historiador*; O LUAR, *por Guy de Maupassant.*—PARTE OFFICIAL.—FOLHETIM, IVANHOÉ OU O REGRESSO DO CRUZADO.—CORREIO DE LISBOA.

AVEIRO

A QUESTAO ALIMENTAR

Dissemos por occasião das sessões do congresso agricola em Lisboa—que a questão era complexa. E os factos teem provado á saciedade que eram exactas as nossas previsões. Não se tratava só das conveniencias da agricultura nacional. Tinham-se tambem de precatar os interesses do consumidor, para que o pão não encarecesse, nem os moageiros e padeiros abuzassem das circumstancias, determinando a alta a proposito da elevação dos direitos aduaneiros.

O parlamento votou as propostas do executivo, que ficou auctorisado a proceder consoante as cotações do mercado. E tendo augmentado em Lisboa o custo do pão 10 reis em kilo, o governo deliberou hontem diminuir o imposto das farinhas de 24 a 15 reis em egual pezo, o que importa reducção analoga, desfazendo por tanto o conluio dos manipuladores, ou antes dos farinheiros, e satisfazendo assim os votos da opinião.

Ignoramos se se limitaram só a este ponto as providencias governativas. Ouvimos que para as padarias militares foram ha duas semanas comprados 400 mil alqueires de trigo, e que feita esta importante acquisição, ficaram esgotados os celeiros do Alemtejo. Será exacta a noticia? Sendo-o, o que se deprehende é, que a nossa agricultura não produz o sufficiente para trez mezes de consumo, e por tanto, que ou tem de alargar os trabalhos da lavoura, arroteando maiores tractos de terreno, ou então virão os cereaes estrangeiros affrontal-a com a sua concorrencia. Mas tambem, quando se dê esta ultima hypothese, já os nossos lavradores terão esvasiado os seus celeiros, achando-se por consequencia em condições favoraveis, attentos os preços do mercado.

Em Lisboa o preço do pão é cousa séria, porque ali a vida é cara, a começar na agua e a acabar na renda de casas. Na provincia a agua é gratuita. E como não ha estiva quanto ao pão, a carestia revela-se pelo volume, de modo que a população á primeira vista não estranha, com quanto o producto fornecido pelo commercio seja mais minguado, o quo nem assim deixa de fazer differença. Mas o caso é, que não custa mais dinheiro, com quanto saia ás vezes mais caro, se se attender á differença do pezo.

A questão alimentar é de todas a mais importante, porque interessa a todas as classes da sociedade, e bem andou o governo em diminuir os direitos de importação das farinhas, dando-lhe assim um chec-matte, conforme o paladar dos que entendem, que vale pouco a agricultura nacional, como se ella fosse para despresar, e como se não lhe estivesse associada a propriedade *territorial, cujos dizimos andavam* por oito mil contos, e isto ha bons 58 annos.

Cumpre attender a todas estas rasões, e estudar melhor o assumpto, que é complexo, para o resolver convenientemente, fóra dos dominios da politica, que de ordinario estraga tudo em que intervém.

A QUESTAO D'AVEIRO

E' do *Imparcial*, folha independente de Guimarães, o artigo que em seguida transcrevemos:

«Fomos absolutamente estranhos á questão que se ventilou em Aveiro, e que os demagogos crismaram com o epitheto altisonante de—reacção. Reacção n'um paiz em que o clero é dependente do poder civil, torna-se irrisoria a invocação, e até chega a parecer mal [illegible] os orgãos da democracia se abalancem a classifical-a d'aquelle modo, tão piramidal nos parece o dislate.

Foi porque a meza da misericordia d'aquella cidade, já farta de aturar escandalos no hospital que dirigia, chamou para o serviço das enfermarias tres irmãs hospitaleiras, que dedicadamente se prestaram a tratar dos doentes pobres, cujo numero anda por uns quarenta e tantos diariamente. D'aqui os engulhos de uns falsos liberaes, que levantaram a antifona, de que a presença das mesmas senhoras em Aveiro era um insulto á memoria de José Estevam, que em 1862 discursou na camara contra as irmãs da caridade, a proposito da pretenção que então se manifestou para serem collocadas nos azylos de infancia desvalida de Lisboa.

Já se vê que o pretexto era futil, nem havia paridade de argumento. O caso de 1862 referia-se exclusivamente ao ensino, e dizia respeito ás irmãs da caridade. Agora tinhamos apenas o tratamento n'um hospital pobre pelas irmãs hospitaleiras, que representam differente congregação. Então poderia haver perigo na direcção moral e intellectual da mocidade recolhida nos azylos. Actualmente nenhum inconveniente serio se poderia aventar, que estorvasse o exercicio das irmãs hospitaleiras no posto em que ellas exercem com dedicação pouco vulgar a sublime missão da caridade.

O tratamento de doentes não tem comparação com a educação da mocidade. Assim como ha bons preceptores que seriam pessimos enfermeiros, assim ha enfermeiros magnificos que dariam detestaveis preceptores. E sobre tudo se a experiencia tivesse feito ver, que o pessoal leigo provava mal nos hospitaes civis, qual a rasão que exclue as irmãs hospitaleiras do serviço das enfermarias? O receio de que a sua presença affronte a liberdade, por serem as representantes do jezuitismo? E' isto serio quando os factos depõem o contrario? Pois n'uma questão em que tem só a attender-se o amor do proximo, devem tomar-se em consideração os preconceitos politicos? Desgraçada a sociedade que assim fosse organisada. Malaventurado o povo em que as paixões partidarias prevalecessem ás imposições soberanas de uma consciencia esclarecida.

Bem liberal é Guimarães, e aqui nenhum grupo se preoccupou ainda por estarem nos seus hospitaes as irmãs hospitaleiras. Todos aqui conhecem e apreciam a excellencia dos serviços que ellas prestam á humanidade. E no campo das aspirações levantadas não concedemos a ninguem o direito de querer ser mais livre que nós. Mas uma cousa é a politica, e outra o serviço nos hospitaes. Envolver tudo no mesmo enxurro, é estragar o que ha de bom na terra, para sacrificar talvez a conveniencias pecaminosas.

E' certo porém que se fizeram comicios em Aveiro, vindo para isso oradores de Lisboa, visto os da terra não se prestarem a advogar em publico a má causa que se evidenciou em termos pouco discretos. O governo mandou proceder á eleição da mesa da misericordia, o acto eleitoral verificou-se pacificamente, e só ao terminar o escrutinio houve desordem, em consequencia dos demagogos se terem prevenido para a hypothese de perderem a eleição, o que estava annunciado nos seus jornaes. E como fizessem o mal, entenderam que tambem deviam queixar-se da auctoridade, que fóra estranha á eleição, indo os arruaceiros á Figueira, a fim de pedirem ao sr. ministro do reino a demissão do governador civil, que lhes garantira a independencia e a liberdade do voto, mas que não consentira que medrasse a anarquia. E, o que é mais para notar, é que foram funccionarios publicos os auctores dos tumultos na egreja, e os que depois na rua fizeram assuadas a determinados cidadãos.

Como uma ruim causa perturba pelo menos temporariamente a vida tranquilla de uma terra de provincia! Os desregramentos de linguagem, tanto na imprensa como nos comicios, pozeram em campo gente de má nota, levando-a a affrontar as leis, e vociferando contra a liberdade, de que só ella abuzava. E o peior foi que devido ás arruaças as irmãs hospitaleiras solicitaram da mesa a permissão de se retirarem do hospital e de Aveiro, voltando as enfermarias a ser tratadas por o pessoal leigo, sempre incompetente, e recaindo outra vez tudo nas podridões de que havia mezes se tinha libertado, graças á prevenção e cuidados d'aquellas virtuosas senhoras!

Para Aveiro foi nomeado governador civil effectivo, pedindo o substituto licença para se auzentar do seu logar. Provavelmente este ultimo enfastiou-se das scenas repugnantes que alli se representaram no dia da eleição, e posteriormente a ella, magoado sem duvida pela injustiça com que um bando de desvairados tentou conspurcar-lhe o nome, como se folicularios podessem tomar-se a serio, muito principalmente quando declinam a responsabilidade das injurias que vomitam em pessoas inteiramente alheias á vida local.

O que se vê e deprehende de tudo isto é, que a demagogia tentou erguer o cólo, e que ha ainda quem se lhe associe por despeito pessoal, ou por ambições, que nunca poderão realisar-se. Suppor o contrario, seria acreditar que a infamia politica era meio infallivel para conseguir fins que a moralidade condemna.

E no entretanto, a despeito da algazarra da demagogia, os pobres de Aveiro perderam muito, porque segundo nos consta o seu hospital civil está outra vez em mau estado, pela falta de tratamento cuidadoso, o que é devido á má comprehensão de uma parte d'aquelle povo, que não sabe fazer politica, ou que a faz de um modo reprehensivel. Para lamentar é tudo isto, e muito desejavamos que a acção energica dos partidos se fizesse sentir nas questões de administração, dando de mão a preconceitos, para accordarem só no que havia a fazer a bem das localidades. E Aveiro deve tratar um pouco de si, pois que se continuar no caminho trilhado ultimamento, dará logar a que um governo de pulso realise sem obstaculos uma das ambições dos districtos limitrophes, extinguindo-o, para acrescentar com os seus despojos Coimbra, Porto e Vizeu. Tenham isto muito em vista os aveirenses, se quizerem conservar a autonomia local. Depois não se queixem dos resultados, se continuarem na senda das arruaças desenfreadas, que não honram ninguem.

O tempo é de liberdade, mas a liberdade não é licença.»

Sensatas nos parecem as considerações do contemporaneo. E' conforme ao que temos dito a sua opinião esclarecida, porque a verdade é só uma, e não podem destruil-a os que se esforçam por a suplantar, em prejuizo das conveniencias publicas.

Que todos ponham ali os olhos, porque o artigo do *Imparcial* é para todos lição.

A AVIDEZ DO ESCANDALO

E' do nosso muito presado collega *Tribuno Popular* o seguinte artigo, cujas ideias pedimos venia para tambem fazer nossas.

Effectivamente o que se está passando n'uma certa ordem de jornalecos que falsamente se denominam imprensa, é simplesmente horrivel. Ou os governos providenciam de modo que o mal se extinga, ou a sociedade presente tem diante de si um futuro tristissimo.

O que se está presenciando não póde continuar por mais tempo.

«O mercantilismo da imprensa creou este vicio nojento—a avidez do escandalo.

Os jornaes, mormente os que se vendem avulsos, os que se tornaram uma mercadoria volante que se apregôa nas praças, nas estações ferro-viarias, nos cafés, em toda a parte onde pode penetrar um garoto ou um vadio,—os jornaes, dizemos, poseram á banda as questões sociaes, economicas, politicas, os assumptos das artes, das sciencias, das lettras, e entregaram-se habitualmente á exploração da *Noticia.*

Lêem-se 6, 8, 10 jornaes de Lisboa, 3, 6, 8 jornaes do Porto, e nao se encontram se não relações de factos indifferentes á sciencia, á moral, e á arte propriamente dita, ou revelações d'escandalos e de crimes, que toda a gente devia ignorar. Um pedreiro que cahiu do andaime, o tecellão que se entalou na machina, o sr. João que escorregou e torceu um pé, a sr.ª Maria que descompoz a visinha, um bebado que adormeceu n'um banco, e o gatuno que lhe furtou um lenço. Ou então: o adulterio de dona fulana, a devassidão de dona cicrana, o suicidio do illustre mancebo Luiz, o rapto da illustrissima donzella Elisa, etc, etc.

E uns repetem as noticias dos outros, dando-lhes ás vezes toques de mysterio ou d'escandalo, que não tinham na primeira edição.

Assim creou-se insensivelmente no publico o gosto pela noticia e pelo escandalo, e para o satisfazer tornou-se necessario crear uma entidade nova—o informador (estivemos para escrever *reporter*), que exerce o *nobre officio* de farejar acontecimentos, de descobrir escandalos por toda a parte, e os communica ás redacções exagerados, e que na falta de acontecimentos reaes para exagerar, se dá ao *digno trabalho* de os inventar!

A noticia, o escandalo, de tantas linhas, é indispensavel; se não ha, *fabrica-se.*

D'aqui resulta que, mesmo jornaes serios, para agradarem a um publico que elles mesmos educaram, se acham ás vezes convertidos, sem quererem ou sem o saberem, em genuinos Almocreves das Petas, ou em falsos denunciantes de escandalos que nunca passaram pela imaginação de ninguem, senão pela do informador!

E n'estas condições ai! do jornal que não publica escandalos—elle morre logo porque não ha quem o compre; e ai! do jornal que publica artigos de utilidade real, de interesse publico, porque se não forem curtos (no tamanho e na ideia), de um laconismo quasi telegraphico, elle será logo apodado de massador insuportavel, de sensaborão funerario, e ninguem mais o torna a ler!

Como consequencias d'esta orientação d'espiritos, para não dizermos depravação de gostos, vemos por ahi casos estupendos que resultam da exageração do mal, e que aliás pódem levarnos á cura d'elle.

Ha tempo um jornal do Porto publicou em correspondencia d'esta cidade um acervo de monstruosas calumnias contra duas familias respeitabilissimas, e contra duas auctoridades não menos respeitaveis.

Para fazer escandalo carregon-se tanto o quadro da protervia, que se levantou contra o papel uma indignação geral, e o redactor viu-se na necessidade de enterrar ignominiosamente, sob um desmentido feroz, o misero do informador com todo o seu zelo e com toda a sua repugnante maldade.

Agora talvez aconteça o mesmo a outro (?) informador, que mandou para um jornal de Lisboa este telegramma ignobil:

Coimbra, 26, ás 11 e 53 m.—Correio de Noticias, Lisboa.—Foi hoje presa Maria da Conceição, accusada de provocar com abortos de fetos animados.

E' uma rapariga de 28 annos, magra, bastante alta, clara, olhos pardos, e nariz adunco. Veste á tricana.

O processo de que se servia para destruir o fructo da gravidez das numerosas clientes, era a collocação de um delgado cylindro de madeira preso com cordeis nas duas extremidades. O preço modico de cada aborto era de quatro libras.

A ultima operação realisada teve logar ha seis dias. Foram tambem presas muitas das operadas. Consta que nas compromettidas n'este audacioso crime, ha algumas familias de distincção.

Pelo correio mandarei pormenores.

Quer o collega de Lisboa saber o que ha de verdade em tal telagramma?... Leia:

Maria da Conceição foi presa por ter feito abortar unicamente uma rapariga de má nota, que por isso mesmo foi tambem presa.

De outros abortos não ha o menor indicio: prisões, mais nenhumas.

De modo que o *consciencioso* informador, de um aborto fez cem; de duas prisões por um aborto, fez muitas prisões por varios abortos; e, para dar mais sainete ao escandalo, inventou estupidamente que se achavam compromettidas em eguaes crimes algumas familias de distincção.

Torpe, torpe, desprezivel, semelhante modo de vida... esta vida de mentir e de diffamar sob a irresponsabilidade do anonymo!

O artista que ganha o pão manejando o escopro, a plaina, o pico, o malho; o trabalhador que ganha a vida manejando a lavanca, a pá, o arado, o alvião, não dariam suas honradas mãos calosas a apertar a um escrevinhador, que assim avilta o nome e a classe conspurcando a imprensa com injurias e noticias falsas: não... porque se julgariam deshonrados para sempre. E' pois de crer que o jornal, ludibriado por tal informador, dê a este a paga que merece.

E o publico sensato não deixará de applaudir. Pela nossa parte, francamente, entre o falso noticiarista e diffamador covarde de um lado, e a megera procuradora de abortos por outro lado, não sabemos bem qual é mais infame, qual seja mais perigoso.

MARTINS DE CARVALHO

Tem encontrado écco em todo o paiz a deliberação tomada pelos corpos gerentes da Associação dos Artistas de Coimbra, de commemorar com uma pomposa e edificante sessão solemne, no dia 19 do corrente, o 66.º anniversario natalicio do nosso collega do *Conimbricense*, o sr. Joaquim Martins de Carvalho; festa a que já nos referimos n'outro n.º do nosso jornal, e que vae tomando proporções gigantescas.

Além d'aquella sessão, outras associações de Coimbra resolveram effectuar no referido dia 19 um prestito civico em honra d'aquelle benemerito cidadão, que se organisará no Largo Principe D. Carlos, seguirá rua de Ferreira Borges, e passando pela das Figueirinhas, onde reside o nosso amigo o sr. Martins de Carvalho, será elle cumprimentado pelos representantes das mesmas associações, que lhe offerecerão corôas, bouquets, etc. As duas philarmonicas irão tambem encorporadas no prestito civico.

Parece que no dia 19 serão fechadas todas as officinas de trabalho, e que entre a classe operaria, especialmente, será este dia considerado de festa e de gala.

As restantes associações tambem preparam manifestações ruidosas em honra de Martins de Carvalho, e é de suppôr que este vulto respeitavel e venerando da nossa imprensa receba no dia do seu jubileu demonstrações de affecto e de consideração de todos os seus amigos, que os tem em quasi todo o paiz.

Consta ainda, que algumas associações de Lisboa e Porto tencionam egualmente manifestar n'aquelle dia o quanto têm em apreço os relevantes serviços que Martins de Carvalho sempre prestou ás associações.

O que não merece contestação, é que no dia 19 do corrente deve estar em Coimbra um grande numero de visitantes, e que Martins de Carvalho ha de n'este dia receber os mais affectuosos e sinceros cumprimentos.

O CAMINHO DE FERRO DO VALLE DO VOUGA

(Continuação.)

Se, porém, entendem que o caminho de ferro do Porto a Lisboa daria transporte a maior numero de passageiros, se fosse mais pelo nascente, é porque não reconhecem, que a população das terras do littoral é sempre muito mais densa, e que é mais inclinada a jornadear do que a das terras do interior.

Tambem não reconhecem, que as producções do interior do paiz, especialmente dentro de certas zonas de terreno, são quasi identicas, e que por isso a via ferrea do Porto a Lisboa, visto ser a primeira que se construia ao norte da capital, conviria que tocasse em terras tanto do interior como do littoral, para assim mais facilmente se animar o commercio e a permutação de mercadorias de diversa natureza e de diversa origem.

*

Bem sabemos que, infelizmente, na construcção dos caminhos de ferro em Portugal, seguiu-se menos um plano regular e methodico, do que o desejo de satisfazer ás amizades pessoaes e politicas ou aos interesses de algumas localidades. E isto é tão certo, que muitos erros que d'ahi resultaram, tem sido e vão sendo agora emendados com outros caminhos de ferro, que de anno para anno o governo trata de mandar construir.

Como exemplos apontamos: o caminho de ferro de Lisboa a Torres Vedras, que, seguindo por Leiria, vae entroncar-se em Alfarellos com a linha do Porto a Lisboa; o de Nine para Braga e ainda outros.

*

Mas a linha ferrea do Porto a Lisboa, tocando, como tocou, em Aveiro, não era de rigor, que depois continuasse tanto ao poente, pois, ainda que tivesse de tocar em Estarreja, poderia seguir d'ali para Oliveira d'Azemeis e de lá para o Porto.

Dado mesmo o caso, que houvesse de tocar em Ovar, ainda não seria mister continuar tanto pelo poente, porque de Ovar poderia seguir para a Feira ou proximidades d'esta villa, e d'ahi áquella mesma cidade.

Já se vê, pois, que o traçado d'aquella linha por Aveiro, não é o que deu causa a taes *defeitos.* Outras causas influiriam para isso, como facil seria demonstrar e não é mister agora expôr.

E se, agora se reconhece, que d'esse traçado vieram grandes vantagens e interesses para os povos e para a empresa constructora d'aquella linha, não será erro antever vantagens identicas, resultantes de ter a linha ferrea do Valle do Vonga o seu *terminus* em Aveiro, ainda que para isso haja de fazer uma curva mais ou menos pronunciada.

Póde, como dissémos, approveitar a ponte do Vouga, que para isso já deve ser construida com as devidas condicções.

Continuaremos. *O.*

MEDIDA IMPORTANTE

O *Diario do Governo* de hontem publica a seguinte medida:

Sua Magestade el-rei, considerando que está praticamente demonstrado que em paizes estrangeiros os trigos prolificos obtidos por selecção chegam a attingir, ainda mesmo em grande cultura, a producção de 100, ou mais, por 1, emquanto que os trigos nacionaes apenas produzem entre nós, normalmente, de 8 a 10 sementes, devendo attribuir-se essa enorme differença de resultados tanto á selecção da semente como aos processos de sementeira e cultura e á adubação das terras; e desejando, no interesse da agricultura nacional, que nas diversas regiões do paiz se façam ensaios culturaes, destinados não só a estudar a possibilidade de adaptação das variedades de trigos prolificos estrangeiros ao solo e clima do nosso paiz, e a reconhecer a productividade relativa dos trigos nacionaes produzidos n'uma dada região, experimentando-os a par e nas mesmas condições em que o forem os trigos prolificos estrangeiros, mas ainda a verificar a possibilidade de melhorar, pela selecção da semente e pela adopção de melhores processos de cultura, as variedades nacionaes, e a demonstrar a proficuidade dos adubos chimicos applicados aos nossos climas e solos: ha por bem ordenar:

1.º Que nas estações chimico-agricolas estabelecidas no paiz se façam, no anno 1888-1889, ensaios culturaes das variedades do trigo compradas no estrangeiro, o que para esse fim vão ser immediatamente remettidas pela direcção geral de agricultura ás diversas regiões agronomicas do paiz;

2.º Que nas regiões, onde ainda não funccionam as estações chimico-agricolas, os referidos ensaios se façam em terrenos que os agronomos chefes, de accordo com o inspector de agricultura da circumscripção respectiva, ficam desde já auctorisados a arrendar, em conformidade com as instrucções que lhes serão dadas pela direcção geral de agricultura;

3.º Que os agronomos-chefes, de accordo com o inspector das estações chimico-agricolas, nas regiões onde ellas já funccionam, ou com o inspector de agricultura respectivo nas regiões onde ainda não funccionam, organisem, tendo em vista o disposto no decreto de 22 de dezembro de 1887 e n'esta portaria, o plano necessario para a cabal execução das experiencias auctorisadas, cujos resultados exporão no seu relatorio annual, em harmonia com o disposto no n.º 7 do artigo 34.º do mesmo decreto;

4.º Que em todas as regiões agronomicas sejam rigorosamente observadas, nos ensaios culturaes de que se trata, as instrucções que, fazendo parte d'esta portaria, baixam assignadas pelo conselheiro director geral de agricultura.

Além d'essas instrucções, vem mais no *Diario* um aviso, de que pela direcção geral de agricultura serão distribuidas pequenas quantidades de trigo estrangeiro aos agricultores que desejem fazer ensaios culturaes.

INSTITUTO DE AGRONOMIA E VETERINARIA

E' do nosso presado collega do *Correio da Noite* o seguinte artigo:

Realisou-se no dia 29, pela 1 hora da tarde, a sessão solemne da abertura das aulas do instituto de agronomia e veterinaria. Era selecta a concorrencia de cavalheiros, que assistiram á sympathica festa do nosso primeiro estabelecimento de instrucção agricola, e estavam presentes, fazendo as honras da casa na companhia do seu illustre director, quasi todos os lentes que, com a mais primorosa delicadeza, quizeram acompanhar, durante a festa, o respeitabilissimo e sabio professor, o sr. conselheiro Ferreira Lapa, que, após uma prolongada e dolorosa enfermidade, apparecia a presidir mais uma vez, como apostolo, que é, da sciencia agricola, á primeira e mais solemne sessão de quantas costumam realisar as escolas publicas. Presidiu á sessão o sr. conselheiro Elvino de Brito, director geral de agricultura. O discurso proferido pelo digno director foi, como costumam ser sempre os discursos do illustre homem de sciencia, escutado com a mais avida attenção pelo auditorio, e constitue mais um primoroso trabalho do grande mestre, a quem a sciencia e as praticas agricolas devem, no paiz, os mais assignalados serviços. Sua ex.ª, que é um estylista correcto e elegante, falla e escreve com a auctoridade, que se firma nos seus aturados estudos de mais de quarenta annos e nos seus trabalhos, conhecidos e admirados dentro e fóra do paiz. E' um sabio e um mestre. Tem a sciencia de sabio e a experiencia de mestre. Conhece os homens e as coisas do seu paiz, cujas necessidades mais instantes, no tocante á agricultura, aprecia e estuda, pelo prisma da verdade e da justiça, adoçando a critica, quando acaso contradicta idéas e opiniões menos justas, com a phrase convincente, sim, mas primorosamente delicada e cortez. A oração de hoje é d'isso mais uma prova, porque, tomando como thema, as ultimas reformas decretadas pelo illustre ministro das obras publicas, incluindo a importante remodelação do ensino agricola, ennumerou, um a um, apreciando-os imparcialmente, exaltando-os no seu justo valor, os aperfeiçoamentos, que ellas teem trazido ao ensino e aos outros serviços de agricultura official. Aproveitou tambem o ensejo para apreciar com justiça, e sem o desvario que não raro obseca os homens esclarecidos, as recentes providencias que, em beneficio da agricultura, foram decretados pelo nobre ministro, e que tiveram logo censores e criticos menos reflectidos, aos quaes [illegible] a leitura do notavel discurso do distincto e illustradissimo professor. Findo o discurso, o sr. director geral de agricultura entregou os diplomas de premio aos alumnos laureados, encerrando-se a sessão ás 3 horas menos um quarto da tarde.

NOTICIARIO

Opinião auctorisada—No rezumo que faz dos differentes jornaes, quando trata do nosso, o *Commercio de Chaves* diz o seguinte:

Campeão de 27.—Refere-se á questão de Larache; commemora o anniversario da visita a Aveiro feita pela familia real; e responde com documentos e factos aos anarchistas encartados. Deixe-os em paz e aos reptis, collega, que uma peçonha mata outra.

Trespasso.—Falleceu em Coimbra, victima de uma febre palustre, complicada com outros padecimentos graves, o nosso presadissimo amigo e condiscipulo, o rev. sr. João Bernardo Heitor d'Athayde, distincto advogado e professor no Seminario de Coimbra. Era natural de Gôa, bacharel formado em direito e theologia, em cujas faculdades obteve classificações.

Publicou varias obras de merito scientifico, em assumptos juridicos e theologicos, pelo que era socio effectivo do Instituto. A sua morte prematura foi ali muito sentida, e é-o tambem igualmente pelos que, como nós, tinham pelo illustre finado, uma sympathia muito intima.

Soirée.—O gremio aveirense inaugurou na quinta-feira as reuniões de familias, concorrendo á abertura do salão perto de cincoenta senhoras. Houve serviços de copa, e dansou-se animadamente até ás 2 da manhã.

Incendio.—No principio da noite de 30 de setembro ultimo a torre dos paços do concelho deu o alarme de fogo, não designando o numero de badaladas, por isso que o incendio era em Esgueira, e a tabella não comprehende as povoações ruraes. Ao local do sinistro accudiu muita gente, e todo o material d'incendios d'esta cidade, atalhando-se o fogo, que começára na cosinha d'uma casa do sr. Valas, pharmaceutico da localidade, mas habitada por outra familia. Mas felizmente, como os soccorros foram promptos, os prejuizos são insignificantes.

Boa nova.—O sr. visconde de Villar d'Allen, que se acha actualmente em Berlim, expediu ante-hontem ao sr. Manuel Duarte Guimarães Pestana da Silva, do Porto, o seguinte telegramma:

«*Berlim, 1 de novembro, ás 3 h. e 51 m. da tarde.*=Parabens. Immenso successo para os vinhos da Liga do Douro, assim como para os do Burmester e Rocha Leão. Toda a gente reconhece que os verdadeiros vinhos do Porto são pouco conhecidos na Allemanha. Encommendas certas.»

Esta noticia deve ser recebida com prazer por todos os que verdadeiramente se interessam pelo bem do paiz.

Trabalho de pesca.—Não o houve toda a semana, porque o mar se fez ruin, continuando assim. Apesar d'isso não ha falta de sardinha no mercado, ha até abundancia d'ella e tanto que o seu preço é hoje de 1$000 reis o milheiro.

Roubo no caminho de ferro.—Na madrugada de domingo para segunda-feira appareceu arrombada a porta do bilheteiro da estação de Payalvo. Passada immediatamente uma vistoria pelo chefe, deu este pela falta da quantia de 109$100 réis, importancia da venda dos bilhetes. Chegando este caso ao conhecimento da direcção da companhia real dos caminhos de ferro do norte e leste, foi immediatamente participado ao sr. commissario da 1.ª divisão, que enviou para o local do crime o habil cabo Jacob acompanhado de dois guardas.

Depois de aturadas diligencias prenderam como suspeitos o carregador Manuel Freire e a namorada d'este, que trouxeram para Lisboa.

Interrogados pelo sr. commissario, a rapariga declarou que na terça-feira fóra presenteada pelo seu companheiro com um carneiro e com dez tostões, dizendo-lhe este que tinha achado seis libras n'um wagon de 2.ª classe, o que o Freire confirmou, declarando mais depois de muito instado que as seis libras lhe tinham sido dadas pelo factor José Garibaldi Falcão para guardar segredo, porquanto este fóra o unico auctor do roubo.

Assassinato.—Foi ha dias assassinado Antonio José Serra, do Minho, que era empregado na linha que vae em direcção a Vizeu, proximo á Penagacha, concelho de S. João de Areias. O activo administrador sr. Silva Carvalho, pela sua prespicacia e prudencia, poude prender aquelles sobre que havia suspeitas. O ex.mo sr. Juiz de Direito de Santa Comba, cavalheiro illustrado e integerrimo, fez-lhes algumas interrogações deante do cadaver e poude colligir muitas cousas relativamente a este barbaro assassinato. O bem da sociedade exige que sejam castigados severamente estes malvados. *L.*

Noticias de Coimbra—São da *Correspondencia* de hontem as seguintes:

Vae em breve reunir-se [illegible] um congresso juridico, promovido pela associação dos advogados d'aquella cidade e sob proposta do nosso presado amigo, sr. dr. João Jacintho Tavares de Medeiros. Pódem tomar parte n'este notavel congresso todos os jurisconsultos não só de Portugal, mas tambem de Hespanha e da America-Latina. Cada um dos congressistas poderá apresentar uma these, sendo todas impressas e distribuidas pelos jurisconsultos que tomarem parte no congresso para serem estudadas e discutidas. Os jurisconsultos que desejarem tomar parte n'este congresso scientifico pódem dirigir-se á commissão executiva do *Congresso Juridico*, na associação dos advogados de Lisboa. Esta cidade e a Universidade particularmente não deixará de dar avultado contingente para esta notavel assembleia, por isso que não faltam aqui, e na sciencia juridica, capacidades de primeira ordem, que não podem dignamente faltar a tão notavel e distincto areopago.

— Na demolição a que se anda procedendo do velho edificio do collegio de S. Paulo, n'esta cidade, tem apparecido, soterradas nos entulhos, varias peças de muito merecimento architectonico; entre estas alguns capiteis de pedra lavrada, cuja antiguidade parece remontar a épocas anteriores á fundação da monarchia. Estes objectos de muito valor pela sua antiguidade foram collocados no museu archeologico do instituto de Coimbra. Tambem tem apparecido, do lado da rua de S. Pedro, ossadas humanas em sepulturas cavadas em rocha, que se presume serem de collegiaes do antigo collegio de S. Paulo, que alli eram sepultados, por causa da antiguidade que os ossos revelam. Guardados primeiro convenientemente, tem-lhes sido dado o devido destino.

— Em um d'estes ultimos dias, com a assistencia do sr. general Jorge Candido, executou a 3.ª companhia do 1.º batalhão do regimento de infanteria 23, aquartellado n'esta cidade, um exercicio de fogo. O plano do exercicio, habilmente organisado pelo intelligente capitão o sr. Henrique Xavier Cavaco, assentava na seguinte hypothese: o inimigo, que pertende apoderar-se de Coimbra, toma posição nos Fórnos e em Eiras, e na ideia de effectuar um reconhecimento offensivo sobre a estação de Coimbra-B, destaca uma companhia de infanteria com alguns exploradores de cavallaria, pela estrada do Porto, a tomar o reducto de S. Simão, junto ao lugar da Pedrulha, o que effectivamente realisa. A alludida 3.ª companhia, que tinha tomado posições proximas, é encarregada de immediatamente marchar sobre o inimigo, desalojando-o do reducto de S. Simão. Consta-nos que este exercicio correra excellentemente.

— Realiza-se hoje á noute com todo o luzimento, no quartel de infanteria 23, a inauguração da aula regimental, curso de sargentos e cabos, á qual consta assistirá o general inspector da arma de infanteria.